

Memórias sobre o Boi da Manta de Pedro Leopoldo (MG): uma análise da festa popular através da História Oral e dos periódicos

Memories of the Boi da Manta in Pedro Leopoldo (MG): an analysis of the popular festival through Oral History and Newspapers

Bheatriz Aleksandra Rocha de Souza

Pós-graduanda em História e Práticas Docentes

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

bheatrizr@gmail.com

Recebido: 17/07/2024

Aprovado: 17/02/2025

Resumo: Este estudo analisa a festa popular do Boi da Manta, realizada em Pedro Leopoldo (MG), a partir da História Oral e da análise dos jornais locais *Observador* e *AquiPL* (1990-2019). Foram entrevistadas quatro pessoas (três homens e uma mulher) ligadas ao evento, entre organizadores, foliões e moradores antigos. Os resultados preliminares apontam para a centralidade do festejo na dinâmica social, enquanto os resultados definitivos evidenciam a relação da festa com o trabalho, sua permanência como tradição familiar e elemento de resistência cultural.

Palavras-chave: Boi da Manta. Memória. História Oral.

Abstract: This study analyzes the popular festival *Boi da Manta*, held in Pedro Leopoldo (MG), through Oral History and the analysis of local newspapers *Observador* and *AquiPL* (1990–2019). Four individuals (three men and one woman) connected to the event—organizers, revelers, and long-time residents—were interviewed. Preliminary results indicate the centrality of the festivity in the social dynamics, while the definitive findings highlight the festival's connection to labor, its persistence as a family tradition, and its role as an element of cultural resistance.

Keywords: Boi da Manta. Memory. Oral History.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o impacto social, cultural e histórico da festa do Boi da Manta em Pedro Leopoldo (MG), destacando sua relação com o trabalho, a memória coletiva e suas transformações ao longo do tempo. A centenária festa do Boi da Manta da cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, é um dos principais movimentos populares da região. Transitando entre uma festa pré-carnavalesca e uma manifestação folclórica, ela carrega consigo a expressão da cultura popular. A tradição de percorrer a cidade atrás de bois, feitos de tecido e metal, vem sendo passada através das gerações e perpassa a própria história da cidade.

A pesquisa sobre a festa do Boi da Manta se apoia em fontes primárias e secundárias, destacando-se a História Oral como principal metodologia, com entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro sujeitos, sendo três homens e uma mulher, com idades entre 50 e 75 anos, moradores e participantes ativos da festa. As entrevistas, conduzidas em 2023, buscaram acessar as memórias dos entrevistados, desde a origem da festa até os eventos mais recentes. O anonimato dos entrevistados, seguem a partir do pedido da entrevistada, sendo aplicado então à todos que cederam seu tempo, suas memórias e autorizações de cessão para a construção da monografia que deu origem a este artigo. No que tange a semiestruturação do questionário previamente elaborado, cabe destacar perguntas pouco delimitadoras e até mesmo simplórias, como “Qual a sua relação com a festa na infância?”, “Sabe da origem da festa ou lembra de alguma mudança ao longo dos anos?”, “Qual é o significado do boi para você?”, “Qual o significado da festa para a cidade e para você?”, enfim, alguns exemplos que ilustram que o foco não era delimitar os relatos, mas permitir que o entrevistado ou a entrevistada, pudesse, a partir de um ponto de inflexão, trazer novos questionamentos ao longo na nossa conversa. As entrevistas, foram parcialmente transcritas, entretanto, continuam na íntegra em formato digital.

Além disso, foram consultados periódicos locais, como o *Observador* e o *AquiPL*, que trazem relatos jornalísticos da festa desde a década de 1990. Essas fontes, de difícil acesso, compõem acervos pessoais, muitas vezes em recortes apenas. Ambos os veículos de informação da cidade de Pedro Leopoldo, dispõe pouco a preservação dessa fonte riquíssima para historiadores e demais pesquisadores das mais variadas áreas. Seja por uma questão financeira, estrutural ou até mesmo desinteresse na preservação desses documentos, esses produtos jornalísticos não foram preservados na íntegra e foram salvos em fragmentos que despertaram o interesse de seus leitores ou editores e cronistas, que se preocuparam em guardar o que era caro para si e descartar o restante. De toda forma, esses jornais ou fragmentos deles, proporcionam uma visão das transformações da festa ao longo do

tempo, sendo essenciais para a análise da relação entre o evento e as dinâmicas socioculturais de Pedro Leopoldo.

De acordo com Priore (1994) e Reis (1991), ao abordar as festas como um fenômeno social, é possível acessar indícios e sinais de significação dos sujeitos que dela participam. Por meio do festejar, é possível vislumbrar formas de rebelar-se contra a cultura dominante das classes hegemônicas ao operacionalizar ritos próprios e pertencentes à cultura dos dominados, configurando, assim, uma ação de resistência social e política no campo simbólico. Ao analisar a festa como referência cultural, Mikhail Bakhtin (2008) traz a circularidade cultural como forma de sujeitos e grupos sociais compartilharem suas práticas através da “concepção carnavalesca”. Ao empregar esse conceito, Bakhtin defende que isso resulta em negar aspectos de sua condição social e provisoriamente abolir as hierarquias e regras, tanto comportamentais quanto comunicacionais. Nota-se, nesses autores, uma concepção de que a festa aproxima classes em suas especificidades, colocando-as frente a frente, em diálogo e conflito.

A partir dessas perspectivas, torna-se essencial refletir sobre o papel desempenhado pelo Boi da Manta na dinâmica social e cultural da sociedade pedroleopoldense. Levando assim, hipóteses acerca do papel da festa enquanto espaço significativo para a construção e ressignificação das memórias coletivas e como essas narrativas são elaboradas e preservadas ao longo do tempo. Além disso, faz-se necessário problematizar a articulação entre os registros jornalísticos e as narrativas orais emergentes, como um caminho proveitoso para compreender as múltiplas temporalidades do evento, tanto quanto evidenciar as relações entre memória, identidade local e a construção histórica dessa manifestação cultural.

Nesse sentido, a análise do Boi da Manta se alinha com a proposta de Néstor García Canclini (2005) sobre culturas híbridas, ao reconhecer que a festa é resultado de um processo contínuo de ressignificação, em que as práticas culturais locais dialogam com influências globais, sem perder suas raízes. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre a festa se relaciona com a visão de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), ao entender a festa como um espaço de “invenção das tradições”, no qual práticas e rituais são constantemente adaptados e reinventados para responder às necessidades e conflitos do contexto social.

Para dar conta dessas questões, investigamos como os sujeitos da pesquisa, em sua diversidade, construíram suas memórias, seja as da origem da festa ou as dos momentos vivenciados por meio dela no tempo presente (THOMSON, 1997). As entrevistas realizadas, aliadas à análise dos periódicos locais, oferecem um panorama abrangente sobre a festa e seus desdobramentos ao longo do tempo.

Problematizamos, ainda, como os diversos contextos sociais, políticos e econômicos se manifestam nos discursos e na própria prática festiva. Por fim, concluímos este trabalho analisando a construção dessas memórias ao longo do tempo, refletindo sobre como esses sujeitos e suportes da memória (re)significaram o Boi da Manta ao longo de sua história, constituindo assim uma identidade intrinsecamente ligada à permanência da festa popular.

Festas populares e o Boi da Manta como objeto de estudo

As manifestações festivas têm sido tomadas como objeto de análises e problematizações pelas Ciências Humanas, em especial a partir das novas abordagens dos estudos históricos na década de 1970, principalmente com as publicações da terceira geração da Escola dos Annales. Esses estudos abriram um enorme leque de possibilidades de fontes históricas, que extrapolam os vestígios oficiais, considerando tudo aquilo produzido pelo ser humano enquanto sujeito social e histórico.

Diante disso, Pesavento (2005) argumenta que os modelos de análise tradicionais se mostravam insuficientes diante da complexidade da diversidade social, das novas formas de fazer política, das mudanças nas estratégias econômicas globais e, principalmente, da dificuldade em compreender fenômenos como a cultura e os meios de comunicação de massa, que pareciam escapar dos parâmetros racionais e lógicos estabelecidos.

Tal concepção sustenta a necessidade de ajustarmos o foco das pesquisas para os eventos cotidianos, e, sobretudo, as manifestações das grandes massas populares, como meio de acessar os modos de representações que grupos e indivíduos elaboram no seu tempo e no seu espaço. Portanto, compreender uma coletividade por meio de suas formas de expressão e de seus ritos, como no caso das festas populares – e, consequentemente, da festa do Boi da Manta de Pedro Leopoldo, que é o nosso objeto de análise –, é fundamental para a história e a memória da população em geral, em especial para o povo pedroleopoldense.

Por meio da articulação entre história e antropologia proporcionada pelo campo da história cultural recente, as pesquisas sobre festas permitem compreender “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.” (PESAVENTO, 2005, p. 23). Essas expressões da cultura popular, que demonstram uma contraposição às manifestações da cultura erudita – presente, produzida e vivenciada pelas classes dominantes –, entretanto, potencialmente revelam a relação dialógica entre grupos dominantes e grupos subalternos. Para Bakhtin (2008), os compartilhamentos e trocas ocorrem porque as festas

populares abarcam toda a dinâmica de vida dos sujeitos, que se veem imersos naquele momento em que a fuga da realidade, proporcionada por um momento de imersão, minimiza tensões e exalta o presente como uma utopia.

Bakhtin (2008), descreve o carnaval como um momento de ruptura total com a rotina cotidiana, onde as leis do carnaval se impõem, permitindo uma vivência de liberdade absoluta, sem fronteiras espaciais. A festa torna-se um estado único, de renovação e renascimento, no qual todos os participantes se imergem intensamente, vivenciando sua essência. Essa visão de Bakhtin ressoa com o estudo do Boi da Manta, pois, embora não se trate de um carnaval institucionalizado, a festa compartilha de um caráter de liberdade e subversão das hierarquias sociais, oferecendo aos foliões uma pausa simbólica da rotina laboral e das estruturas de poder.

Seja França da Idade Média, como mobilizada por Bakhtin, seja no Brasil da contemporaneidade, as festas de caráter carnavalescos, seus elementos e seus foliões, configuram um microcosmos de um estrato social por completo, dizendo muito sobre os anseios, as disputas, os desejos e inúmeros outros significados para aqueles impactados de algo forma por elas. Segundo Mary del Priore (1994), para compreender as festas brasileiras da contemporaneidade devemos identificar como se deu o caráter festivo ao longo de nossa história, propondo, assim, analisar os significados das celebrações, especialmente no contexto colonial, pela perspectiva da História Cultural. A festa, para autora, carrega consigo a utopia necessária para desanuviar os aspectos socioeconômicos que permeiam o cotidiano da maioria dos foliões, sendo esse escape da realidade um potencial formador de uma identidade comunitária, ao passo que partilha valores e normas, constituindo então parte significativa do arranjo social.

No contexto da América Portuguesa, o poder real sobre a colônia também se utilizava dos festejos para ressaltar sua presença e seu controle do território. Tal presença, levanta uma série de questionamentos acerca da influência do poder político nas práticas culturais e em que medida isso reforça, ou não, o controle das pulsões, se propondo a manter uma ordem social imposta pelas classes hegemônicas. É relevante também destacar que a autora problematiza o pertencimento às atividades festivas, afinal, a população negra, escravizada, era pertencente aos festejos, ou só as classes dominantes? Como as festas se organizam e quais os significados de seus signos e ritos? (PRIORE, 1994)

Para responder esses e outros inúmeros questionamentos que a festa como objeto de análise histórica pode ensejar, Priore reforça que, em muitos dos casos, os vestígios passam pelo crivo dos

letrados e não das grandes massas que se apropriam e dão corpo a esses momentos de celebração. Nesta perspectiva, faz-se necessário um olhar mais atento aos ocultamentos desse discurso. As pesquisas sobre cultura popular, sobretudo das festas que expressam essa cultura, podem nos levar a compreender “o próprio folclore, este domínio do conhecimento coletivo que é também uma realidade concreta e dinâmica em constantes adaptações às novas formas assumidas pela sociedade brasileira.” (PRIORE, 1994, p. 10).

Cabe ressaltar que a autora expõe que as festas populares do período Colonial carregam consigo uma dualidade, não sendo possível agregar-lhes o caráter de festa profana ou festa religiosa. Sendo assim, “É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa.” (PRIORE, 1994, p. 19). Tal afirmação se faz relevante para pensar o objeto aqui em análise, pois o festejo do Boi da Manta agrega características religiosas, mas também mundanas, que compõem todo esse processo ritual. Seja no que diz respeito ao momento em que é realizada e aos elementos carnavalescos que carrega, o Boi não integra o período de carnaval institucionalizado, mas prepara para ele e consequentemente para o período da quaresma. Outro elemento importante, é a forte presença da manifestação católica durante o cortejo, pois nunca há música perto das igrejas católicas, sendo que a banda só retoma as marchinhas após passar por elas. Isso é descrito por um dos depoentes, o Entrevistado 2, como um sinal de fé e respeito à religiosidade cristã.

Albuquerque Júnior (2011) ressalta, inicialmente, a forma periférica com a qual as festas eram tomadas na historiografia, citando como exemplo o caráter pacificador atribuído por Gilberto Freyre. Os festejos aparecem como justificativa para a harmonia entre classe e raças, sendo sobretudo um nivelador das hierarquias sociais (ALBUQUERQUE JR., 2011). O autor explicita, inclusive, a interpretação da historiografia marxista, em que às festas era empregado um caráter de disputa simbólica entre trabalhadores e donos do capital. O que interessava, portanto, era o que se carregava de sério nessas manifestações, “o que havia de sério no riso” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 143). Sendo assim, a festa não era o principal objeto de análise, mas a sua reverberação na sociedade, seus impactos nos trabalhadores e nas estruturas de poder. Em contrapartida, Albuquerque Jr. apresenta a defesa da festa enquanto discurso, mobilizando a obra *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Publicada em 1997 por Maria Bernardete Ramos Flores, esta obra apresenta a festa popular realizada no litoral do estado de Santa Catarina, que agrega múltiplos sentidos, reais e ficcionais, assim como performa identidades construídas, ressignificadas e reapropriadas pelos diversos sujeitos que as vivenciam.

Nesse sentido, analisar o Boi da Manta como discurso é problematizar a apropriação da festa como meio para elaboração de uma história da cidade de Pedro Leopoldo, de seus fundadores e figuras que conquistaram seu espaço na sociedade e na memória popular. Por diversas vezes a festa é tomada como algo que fazia parte da cidade antes mesmo dela existir e seu desenvolvimento se confunde e se mistura com a municipalização do antigo distrito.

No jornal local AquiPL, em matéria publicada no mês de janeiro de 2019, a retomada da história de origem do festejo é o foco principal, devido à comemoração de 100 anos. Sempre atrelada ao trabalho e a produção têxtil que deu origem a cidade, constrói-se uma narrativa que define a criação da festa por trabalhadores da fábrica têxtil Cachoeira Grande, com o aval dos empregadores que prezavam pelo ambiente harmônico na fábrica. O que leva o periódico a narrar essa história e atribuir-lhe uma data de início, o ano 1919, é a monografia de Passos, que tem por objetivo “esclarecer o porquê da permanência da festa” (PASSOS, 2014, p. 13) e, para isso, a autora mobiliza trechos de entrevistas com pessoas envolvidas com a organização e foliões em geral. A antropóloga propõe que a festa se mantém viva até a atualidade devido a sua origem familiar e seu caráter popular, pois permite uma relação íntima entre sujeitos e grupos, que somente uma “grande família” poderia proporcionar (PASSOS, 2014).

Imagen 1 - “Boi da Manta faz 100 ano e o povo sai à rua para comemorar” – Jornal AquiPL, 2019.



Fonte: recorte do jornal AquiPL de 2019, presente no acervo da Associação Cultural do Boi da Manta de Pedro Leopoldo.

Um ponto interessante que se destaca no trabalho de Passos é a clara distinção entre o Boi da Manta e o carnaval, sobretudo ao afirmar que “(...) o Carnaval, que é a festa popular por excelência, mas como já exposto, ele não é capaz de propiciar tudo que a festa do Boi da Manta proporciona.” (PASSOS, 2014, p. 31). Isso se dá principalmente por não haver na cidade o carnaval, como tem ocorrido na capital nos últimos anos, por exemplo. O Boi termina antes disso e durante o feriado de carnaval o comum é que uma parcela de moradores, sobretudo os de melhor condição socioeconômica, viagem para as praias do litoral ou para o interior do Estado de Minas Gerais, deixando a cidade mais vazia.

A pesquisa desenvolvida pelas historiadoras Maria Cardoso e Vânia Epifânio em 1993, intitulada *O Boi da Manta de Pedro Leopoldo*, é um referencial significativo para pensar o Boi da Manta, afinal ele traz elementos únicos como o depoimento dos fundadores da festa, ainda vivos à época. Apresenta também letras e partituras de marchinhas cantadas no período e elaboradas para o Boi, assim como condecorações oficiais e algumas fotografias. Essa diversidade de documentos só foi possível de se localizar nesse trabalho em específico, tendo em vista que a cidade não possui mais um arquivo público, sendo ainda mais problemático o acesso a essa memória documental e material da história da cidade de Pedro Leopoldo.

A pesquisa em questão descreve a origem da festa, seu rito em minúcias, sempre ressaltando suas influências no modo de vida, trabalho e lazer na cidade no início do século XX. As autoras destacam que

esta festividade tira o povo da sua vida de rotina, vida quase que exclusivamente voltada para a sobrevivência. Não havia lazer, ou melhor dizendo, quase nenhuma forma de distração. Dentro deste quadro era necessidade impiedosa de deitar-se cedo, logo após os afazeres domésticos, pois além do trabalho profissional sacrificante, a situação econômica não permitia pagar uma ajudante para os trabalhos caseiros; era forçoso levantar-se de madrugada para pegar serviço. (CARDOSO e EPIFÂNIO, 1993, p. 8)

e tal abordagem ganha ainda mais profundidade ao incorporar a discussão de Thompson (1998), sobre a relação entre trabalho, lazer e costumes. Afinal, Thompson argumenta que, na sociedade pré-industrial e industrial, os rituais e festividades populares não apenas ofereciam alívio das duras condições laborais, mas também desempenhavam um papel crucial na manutenção de práticas

comunitárias e na negociação das relações de poder. O Boi da Manta, à luz dessa perspectiva, pode ser entendido como um espaço onde a cultura popular não apenas articula formas de escapismo, mas também reafirma costumes que resistem às imposições de uma economia voltada exclusivamente ao trabalho. Assim, a festa não é apenas um intervalo, mas um momento em que as normas do trabalho são desafiadas e renegociadas, permitindo que os sujeitos reafirmem sua identidade coletiva e os valores comunitários que persistem diante das pressões de uma sociedade industrial emergente.

Cabe ressaltar que, apesar a importância dada a questão originária do festejo, é importante considerar a advertência de Bloch (1995) sobre os riscos de se cristalizar narrativas de origem que romantizem ou simplifiquem a complexidade das realidades históricas. Bloch enfatiza que a história, especialmente a de eventos culturais como o Boi da Manta, não deve se limitar à descrição linear ou às interpretações que projetam uma unidade harmoniosa. A festa, nesse contexto, longe de ser apenas uma forma de lazer, emerge como uma resposta simbólica às tensões entre o trabalho e o descanso, refletindo tanto as necessidades de escapismo quanto as contradições sociais presentes no cotidiano dos trabalhadores. Assim, o Boi da Manta não é apenas uma herança cultural, mas um espaço onde a cultura popular articula resistência e negociação com as condições impostas pela sociedade industrial nascente.

Nessa perspectiva, é possível inferir que o cotidiano do trabalho, os trabalhadores e a população menos abastadas, ganham pouco ou nenhum destaque quando se noticia sobre a festa. O caráter descritivo do que acontece na festa há pelo menos 20 anos (tendo em vista a criação do jornal *Observador*, que ainda mantém sua publicação, e é o mais antigo em circulação) sobressai a outros aspectos que serão abordados na próxima seção.

Retomando a Cardoso e Epifânio (1993), as autoras foram por diversas vezes citada pelo Entrevistado 2 durante a entrevista, como ele buscasse um respaldo com maior teor de veracidade para aquilo que lembrava. Logo no início de seu depoimento, o entrevistado discorre que “a história nos diz aí, que foi ele [José Pires], mais três colegas da fábrica de tecidos, que começaram essa festa no modelo que ela é hoje”. A “história”, conforme relatado, são os trabalhos acadêmicos supracitados, o que leva ao questionamento sobre, em que medida, esse material influenciou e ainda influencia na construção da memória tanto dessa família festeira como dos foliões e da população em geral, que se vê impactada de alguma maneira pela festa.

O depoente, por diversas vezes durante a entrevista, buscava em suportes físicos (como jornais e trabalhos acadêmicos) a confirmação do que estava em suas memórias. Muitos desses recursos,

empregados por ele com o intuito de dar legitimidade às reminiscências compartilhadas pela oralidade, constituem um acervo de cunho pessoal, no qual ele vem, ao longo dos anos, reunindo uma diversidade de documentos que “comprovem” a história da festa. Sendo que, tal comportamento, para Thomson (1997), ao abordar seu trabalho com veteranos de guerra, expõe a peculiaridade do processo de rememorar, principalmente no que diz respeito à desconfiança empregada a esse processo de composição das memórias. Em busca de dar sentido e legitimidade às lembranças, muitos entrevistados se apegam a fotografias, jornais, revistas e outros vestígios do passado que se busca revisitar por meio da oralidade (THOMSON, 1997).

A tradição da festa do Boi da Manta de Pedro Leopoldo

O Boi da Manta, festa típica da cidade de Pedro Leopoldo, é realizada anualmente no período entre o aniversário da cidade, dia 27 de janeiro, e o início do carnaval. O cortejo principal ocorre no centro da cidade, alternando atualmente entre quartas-feiras e sábados, porém nos demais dias da semana outros bairros da cidade recebem o Boi da Manta, a Banda do Boi, bonecos gigantes e, claro, os foliões.

A cidade de Pedro Leopoldo se localiza a 46 km de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, onde conta com aproximadamente 63 mil habitantes, segundo a estimativa do IBGE. O território anteriormente pertencia à cidade de Santa Luzia, sendo elevado a distrito em 1901 e emancipado em 1924. As ocupações do território ganharam força com a construção da Estação Ferroviária da Central do Brasil e da fábrica de tecidos Cachoeira Grande, pertencente ao fazendeiro Antônio Alves, entre 1893 e 1895.

Nesse contexto de urbanização e consolidação da cidade, surge em 1919 a festa do Boi da Manta. Apesar da falta de registros, os relatos orais e as pesquisas mais recentes colocam dois trabalhadores da companhia têxtil como os idealizadores do festejo: os senhores Alagares e Emílio Costa, que, com um burrinho de tecido e madeira, “tiravam” de casa os trabalhadores da pequena vila, chamada “Quadro” no entorno da fábrica. O intuito era divertir os moradores e as crianças aos domingos e quartas-feiras, aproveitando as folgas para esvaziar o peso das longas jornadas de trabalho.

Devido ao aumento da população da cidade e da adesão à festa, ela saiu dos limites da fábrica e se expandiu, acompanhando o próprio ritmo de crescimento do município. Ganhando as ruas da recém-emancipada Pedro Leopoldo, adquiriu um novo público e ganhou novos contornos,

principalmente pela mudança na organização. O Boi da Manta, como conhecemos atualmente, vem também de um dos funcionários da Cachoeira Grande, José Pires da Paixão. Segundo Cardoso e Epifânio (1993, p. 34) e o Entrevistado 2, foi com Paixão que a festa ganhou um boi no lugar do burrinho e passou a ter o cortejo na rua Comendador Antônio Alves, a partir da década de 1950.

Tanto os entrevistados quanto o material bibliográfico sobre o festejo evidenciam que desde 1950 até os dias atuais, mesmo sofrendo algumas mudanças ao longo desse tempo, que serão abordadas mais adiante, os elementos principais desse rito e seu trajeto permanecem os mesmos. A festa carrega como elementos principais: os bois, os bonecos gigantes, a charanga e os foliões, na maioria fantasiados.

A figura central da festa, os bois, são estruturas de metal cobertas com panos coloridos, lantejoulas, fitas e uma cabeça de boi empalhada; essa estrutura é conduzida por um folião, que “veste” o Boi da Manta como uma fantasia. Segundo a organização das últimas edições da festa, em 2017 e 2018, são 3 bois grandes (ou seja, conduzidos por adultos) e 2 bois pequenos (conduzidos por jovens). Os bois saem conduzindo o cortejo, correndo atrás de crianças e adultos, que, com as mais diversas fantasias, atribuem corpo ao evento.

Imagen 2 - Alegorias do Boi da Manta



Foto: Prefeitura de Pedro Leopoldo

Elementos fundamentais da festa são os bonecos gigantes, semelhantes fisicamente com os tradicionais bonecões de Olinda. Entretanto, os que estão presentes no Boi da Manta homenageiam figuras importantes para a história da própria festa e da cidade (porém, só são homenageados os já falecidos), como o já mencionado José Pires da Paixão, os seus filhos, José Pires e Idelfonso Pires “Calango”, que passaram a comandar o Boi posteriormente, dentre outras figuras emblemáticas que vão variando com o passar dos anos. Confeccionados em isopor, tecidos e estruturados em metal, os bonecos saem logo após os bois. É como se os fundadores e organizadores do passado, transformados em monumentos que cortam a cidade arrastando multidões, seguissem conduzindo a festa e os foliões por meio de sua história e de seu simbolismo.

Imagen 3 - Os bonecões do Boi da Manta



Foto: Prefeitura de Pedro Leopoldo

Imprescindível para o festejo, a Banda do Boi ou Charanga do Boi conduz os foliões por todo o percurso ao som das tradicionais marchinhas compostas nas décadas de 1920 a 1960, como “Aurora” de Mário Lago, “Cachaça não é água” de Marinósio Trigueiros Filho, “Saca rolha”, entre outras do período, mesclando inclusive com composições de períodos mais recentes, como “Xô satanás” do Asa de Águia e “Vou Festejar” de Beth Carvalho. A banda conta atualmente com 32 músicos, tocando variados instrumentos durante quase todo o trajeto, parando somente em 3 ocasiões; na frente das igrejas católicas e no que podemos dizer ser a metade do trajeto, onde todos param para descansar.

Atualmente, o cortejo se inicia por volta das 19h saindo da praça Dr. Senra e segue por toda a rua Comendador Antônio Alves até a praça Tancredo Neves, onde há uma pausa para que todos recuperem as energias para fazer todo o percurso de volta, para que o cortejo seja finalizado em seu ponto inicial. São cerca de 4 km, que são percorridos lentamente, ressignificando o espaço da cidade, onde cotidianamente é o espaço de trabalho e consumo para uma grande parte da população local.

Esse trajeto só se altera no último dia, pois acontece o enterro do Boi da Manta, sempre na sexta-feira que antecede o início do carnaval. Levemente estendido por poucos metros, além de seu ponto final nos demais dias de festa, o cortejo segue para o seu ponto de nascimento e origem, a Companhia Têxtil Cachoeira Grande. Cabe ressaltar que essa fábrica de tecidos só foi construída nesse local devido à queda d'água do curso do Ribeirão da Mata que passa na região. O Boi da Manta acaba onde começou, ao ser “enterrado” nas águas que deram origem a tudo. Ao som de marchas fúnebres, foliões tristes e carregando velas, o principal símbolo é jogado de uma ponte, colocando fim ao momento catártico da celebração popular.

Quanto aos foliões, muitos se fantasiam das formas mais diversas. Das fantasias mais simples e comuns, como noivas, diabos e anjos ou homens vestidos com roupas ditas femininas e mulheres com roupas ditas masculinas, que estão presentes desde a origem da festa; até as mais elaboradas, que trazem consigo aspectos da contemporaneidade e da cultura pop, como super-heróis, personagens de filme e desenhos, personalidades da TV e da internet, entre outros símbolos que, por serem amplamente comentados pelo público, são transformados em fantasias. Além disso, vale ressaltar a diversidade de público participante, em que é possível identificar desde os moradores mais antigos da cidade e pessoas idosas, bem como famílias com crianças de todas as idades, além de jovens e adultos de variadas idades, classes sociais, gêneros e entre outros.

Cabe pontuar algumas questões técnicas sobre os bastidores da festa. Os preparativos começam no mês de dezembro, sendo que os membros da organização, por meio da Associação Cultural do Boi da Manta, se reúnem para definir os aspectos técnicos junto à Polícia Militar de Minas Gerais e a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Pedro Leopoldo. É nesse momento que os materiais necessários para a realização da festa são adquiridos, construídos e reformados, sendo um trabalho totalmente voluntário, coordenado atualmente pelo neto e o bisneto do fundador Zé Pires. É significativo ressaltar que o festejo mobiliza não somente os grupos descritos anteriormente, mas também uma série de vendedores ambulantes, baraqueiros e turistas, sendo um período de grande estímulo do comércio local.

A memória dos foliões e o discurso jornalístico sobre a festa

Compreender como o Boi da Manta é significado pela população pedroleopoldense implica investigar como a festa é elaborada através do discurso, seja ele o oficial ou de maior legitimidade, como o da imprensa; seja por meio da memória, através dos relatos orais. Ambas expressam pontos de vista variados, sobretudo pela intencionalidade, porém são fontes de igual peso nesse trabalho e dialogam por vezes entre si. Os periódicos como fonte de análise do Boi da Manta são relevantes, pois possibilitam analisar os acontecimentos da festa, a sua história e como o poder público propaga informações sobre ela. Nesse sentido, a imprensa desempenha um papel central ao refletir o cotidiano sociocultural de uma comunidade, servindo não apenas para informar, mas também para moldar o consciente coletivo, orientando práticas sociais e interpretações dos eventos (AGUIAR, 2010).

Em diálogo, trazemos os relatos orais, que carregam inicialmente outra visão sobre a manifestação popular, sendo que evoca as memórias do que foi experienciado por meio do Boi sempre “reformuladas de acordo com as situações do cotidiano e com as emoções.” (THOMSON, 1997, p. 55-56). Os entrevistados participam ou já participaram da festa de alguma maneira, sendo que cada um “ao narrar o passado, identifica o que pensavam que eram no passado, que pensam que são no presente e o que gostariam de ser.” (THOMSON, 1997, p. 56).

Para Luca (2005), a desconfiança dos pesquisadores tradicionais nos periódicos como fontes válidas para a escrita da história, tendo em vista que esses documentos, “continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2005, p. 12). O que é visualizado nas montagens jornalísticas, trazidas pelos jornais locais Observador e AquiPL e a dubiedade que perpassa todo essa pesquisa, que se propõe a problematizar as diversas temporalidades presentes nos discursos sobre essa festa centenária.

Como é sabido, nenhum vestígio consegue abranger o acontecimento em sua completude, muito menos é dotado de imparcialidade. O interessante, aqui, é justamente problematizar o papel dessa mídia para a cidade e quais os seus interesses em relatar a festa, sendo justamente um fragmento da vida cotidiana. As tensões e impactos que a festa do Boi da Manta gera no cotidiano podem ser visualizadas no diálogo e no embate entre as narrativas aqui mobilizadas. As montagens jornalísticas trazem interpretações que ora divergem, ora complementam o que é revisitado pelo processo de

relembra. Assim como a memória, os jornais também selecionam o que lembrar e o que esquecer, a quais fatos serão lançados luz e quais fatos, pessoas, personagens serão deixados no esquecimento.

O Boi da Manta entre o trabalho e ócio

A edição do jornal Observador de fevereiro, ano de 2001, traz uma matéria escrita por Dorinha Cardoso, também autora do já citado O Boi da Manta de Pedro Leopoldo (1993), em que o principal objetivo é relatar a história de origem da festa. Um dos pontos que mais chamam atenção é o destaque ao incentivo da Companhia Industrial Cachoeira Grande na realização da festa dentro da vila operária, bem como a associação disso ao progresso da cidade, afirmando que “a cidade cresceu, atendendo as leis do progresso.” (CARDOSO, 2001). No depoimento do Entrevistado 3, é defendido que, no contexto de surgimento da festa, a relação entre patrão e empregado diferia, tinha mais parceria, portanto esse incentivo era possível. Contudo, não só na reportagem, a autora acentua a benesse do patronato, em sua pesquisa ela também evidencia haver a permissão para o pequeno cortejo. Entretanto, aponta que, a partir disso, as classes mais abastadas passaram a sofisticar suas formas de lazer, separando-se do divertimento dos operários. Houve a criação de um Jockey Clube, que funcionou entre 1925 e 1927, e um Tênis Clube, inaugurado em 1928 e descontinuado poucos meses depois. O Boi da Manta, em contrapartida aos lugares de lazer das elites, que funcionaram por pouquíssimo tempo, permanece até os dias atuais (CARDOSO e EPIF NIO, 1993; SOUZA, 2019).

Imagen 4 - Seção “Cultura” do Jornal Observador, ano de 2001.

Cultura 2001

BOI DA MANTA

No início era um burrinho e não um boi criado pelo senhor Altagares, um armazémista da Estrada de Ferro Central do Brasil que viera do Rio de Janeiro. Era enfeitado de estrelinhas brilhantes, arreado e tinha até pernas de pano. As pernas diminuíam quando alguém entrava nele e balançavam quando esse alguém corria.

O povo acompanhava-o mascarado e as máscaras eram feitas de armação de barro. Usavam outros acessórios como limões de cheiro feitos de cera e cheios de água perfumada para jogar nas moças.

Existiam também os “desmancha-prazeres” que enchiam os limpões de creolina para incomodar as pessoas.

Com o passar do tempo foi introduzido o renascimento do Burrinho com o nome de “Boi da Manta” pelo senhor José Pires Xavier e ficava só nas imediações da Fábrica de Tecidos, (Companhia Industrial).

A partir de 1954 com Sr. Emílio Costa, o Boi saía todas as quartas e domingos e acabava na última sexta-feira, véspera do carnaval.

Enquanto o evento permaneceu no Quadro, a Companhia Industrial dava apoio e autorizava a participação da Banda

Musical “Cachoeira Grande”, (Quadro era o bairro residencial dos operários cujas casas enfilaridas formavam com a Fábrica um quadrilátero).

A cidade cresceu, atendendo às leis do progresso. A brincadeira do Boi ganhou volume e dela participando tornaram a direção os operários da Companhia Industrial, sustentada ou mantida por eles. Acreditava-se que tinha sido pela vontade de quebrar as barreiras sociais e aproximar-se à élite, ou talvez pelo desejo de esquecer por alguns dias seus problemas econômicos decorrentes da própria profissão. É uma necessidade de se quebrar a rotina.

O Boi tornou-se um objeto folclórico, mais ou menos fundado na origem da economia agropecuária da região.

O que se percebe é que o Boi traz muita alegria à população, formada por todas as classes trabalhadoras, do mais humilde ao mais elevado da comunidade.

O Boi permanece na sim-

plicidade como objeto de identificação cultural de Pedro Leopoldo e há bastante tempo recebe o apoio da Prefeitura Municipal e comércio local.

Hoje, José Pires vem mantendo a brincadeira considerada o elemento de lazer e descontração, também de identificação cultural de Pedro Leopoldo. O Boi cumpre seu papel de alegrar o povo e ser considerado o “Chamariseo do Carnaval”.

É nessa conjuntura que a rua Principal (Comendador Antônio Alves) se transforma no universo espacial do Boi da Manta, deixando de ser o local de trabalho, de passagem dos transeuntes nas suas lides diárias, para se tornar o ponto de encontro da população local e vizinha, para se tornar ainda o espaço que iguala as várias situações sociais na sua trajetória espacial e temporal.

Dorinha Cardoso é presidente do Clube Social.



Pessoas de todos níveis sociais participam ativamente do Boi da Manta em Pedro Leopoldo



Fonte: recorte do jornal AquiPL de 2019, presente no acervo da Associação Cultural do Boi da Manta de Pedro Leopoldo.

Nas primeiras décadas do século XX, o país vivia um processo lento de industrialização: a modernidade das máquinas atingia, em larga medida, o Estado de São Paulo, enquanto o restante do país sustentava-se ainda por meio da agricultura. As fazendas de criação de gado da região onde hoje é o território de Pedro Leopoldo cederam espaço para as máquinas; nesse caso, para os teares da fábrica de tecidos Cachoeira Grande (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1985). No entanto, é relevante ressaltar que os estudos que versam sobre a História do Trabalho no Brasil seguem em sentido contrário ao explicitado, tanto na matéria supracitada quanto na fala do depoente. As condições precárias de trabalho, resultam na mobilização de trabalhadores organizados

em sindicatos, greves gerais e forte repressão social (SCHWARCZ e STARLING, 2015). Nesse sentido, a industrialização é uma força motriz para a transformação na sociedade, sendo um fator que provoca tanto problemas sociais ligados ao desenvolvimento e crescimento industrial das cidades como agrega a crescente necessidade da fruição de lazeres e de práticas culturais (LEFEBVRE, 2011).

A história de origem do Boi da Manta, por diversos momentos, se funde à história do trabalho na região. O ideal do progresso e do desenvolvimento, assim como do trabalho dignificante, são sustentados com a exaltação dos benefícios trazidos pelo trabalho na indústria têxtil, mas sobretudo no ocultamento das mazelas trazidas pelas condições laborais do período. Nas palavras da Entrevistada 1, que começou a trabalhar na fábrica de tecidos aos 13 anos:

E1: "Foi bom trabalhar desde novinha sim, mas... era cansativo, tinha dia que chegava em casa morrendo de dor, mas não tinha jeito, ainda tinha que preparar tudo pra E. [irmã] ir pro próximo turno [turno de trabalho na fábrica]."

Esse relato evidencia a relação intrínseca entre o trabalho e a festa do Boi da Manta, mostrando como o evento se torna, para muitos, um alívio simbólico das duras condições de trabalho. Contudo, ao analisar a origem da festa e sua associação com o trabalho, é importante problematizar a construção de um "mito de origem", como alerta Marc Bloch (1995) em seus estudos sobre a história das mentalidades. Bloch enfatiza a necessidade de evitar narrativas que romanticizam a origem de eventos culturais ou sociais, desconectando-os das realidades históricas mais complexas. A celebração do Boi da Manta, frequentemente associada ao trabalho na indústria têxtil e à busca por um ambiente harmônico na fábrica, precisa ser lida com cautela, pois muitas vezes apaga as contradições e desigualdades que marcaram as condições de trabalho da época.

A história oficial sobre o nascimento da festa, que a vincula diretamente à classe trabalhadora e à relação entre patrono e empregado, muitas vezes omite as tensões e os conflitos que permeavam esse espaço de produção. Ao invés de reforçar uma narrativa unificada de "progresso" e "harmonia", é necessário reconhecer que a festa do Boi da Manta, longe de ser apenas um espaço de celebração, também funciona como um reflexo das condições de opressão, das relações desiguais de poder e das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. Esse olhar crítico permite não apenas desconstruir mitos de origem, mas também compreender a festa como um espaço de resistência simbólica, onde, ao lado da exaltação do trabalho, se esconde a tensão entre o trabalho exaustivo e a busca por momentos de escapismo e alegria coletiva.

Relatos como este feito pela Entrevistada 1, ex-funcionária da fábrica de tecidos, raramente aparecem nos relatos sobre o Boi da Manta. O foco, entretanto, não é compreender em sua totalidade as condições de trabalho nas décadas em que o festejo ocorria nos limites da Cachoeira Grande. O intuito é trazer a compreensão de que o rito surge nesse contexto de disputas concretas e simbólicas, inclusive a disputa entre o trabalho e o ócio. Sendo assim, comparando as fontes orais advindas das falas dos organizadores e participantes entrevistados, das produções acadêmicas de Cardoso e Epifânio (1993) e Passos (2014) e das matérias jornalísticas que se propõem a abordar o mito de origem do Boi da Manta, essa dinâmica indissociável entre origem do trabalho industrial na cidade, o Boi da Manta e a municipalização, fica ainda mais evidente.

O resultado da expansão industrial e urbanística leva, portanto, a concepção de meios de vivência do ócio, com “esta festividade [o cortejo do burrinho] que tira o povo da sua rotina, vida quase que exclusivamente voltada para a sobrevivência” (CARDOSO e EPIFÂNIO, 1993, p. 8), sendo, assim, algo necessário ao mundo do trabalho e do trabalhador: “embora os deserdados não vivessem grande participação nos frutos, eles ainda assim partilhavam a realização, o profundo envolvimento e a alegria do trabalho” (THOMPSON, 1991, p. 274).

Bakhtin (2008) e Thompson (1998) abordam o “festejar” como uma prática intrinsecamente vinculada ao mundo do trabalho, destacando seu papel como um espaço de ruptura simbólica com as normas laborais e sociais impostas. No contexto do carnaval medieval, como registrado por Rabelais, Bakhtin interpreta os ritos carnavalescos como momentos em que as hierarquias e convenções do cotidiano são temporariamente suspensas, permitindo aos participantes experimentar uma sensação de liberdade e igualdade. Essa "suspenção" das normas é essencial para renovar as relações sociais, possibilitando uma troca simbólica entre diferentes classes e realidades. Thompson, por sua vez, ao examinar o operariado inglês em *Costumes em Comum*, destaca como as festividades populares funcionavam como uma forma de resistência cultural frente à crescente disciplina imposta pelo capitalismo industrial, resgatando a agência dos trabalhadores no processo de criação e preservação de suas tradições.

Essas reflexões se aplicam diretamente ao Boi da Manta, que, como as fontes revelam, também desempenha um papel libertador e transformador para a população de Pedro Leopoldo. Ao permitir que trabalhadores saiam de suas rotinas rígidas, como evidencia o Entrevistado 3,

E3: o festejo ocorria em dois dias da semana, pensando justamente nos turnos de trabalho e nas escalas de folga, para que todos pudessem participar dos dias de festa.

Participavam às quartas-feiras aqueles que trabalhavam aos sábados e, aos sábados, aqueles que tinham seus turnos iniciados nas quartas,

ou seja, a festa articula os turnos e escalas de trabalho para possibilitar a participação ampla, garantindo que os momentos festivos se tornem acessíveis a todos. Essa dinâmica é emblemática de como o rito opera como uma “zona de escape”, rompendo a estrutura padronizada de vida voltada exclusivamente ao trabalho.

A mesma matéria de 2001, publicada no *Observador*, reforça essa análise ao descrever como a Rua Principal (Comendador Antônio Alves), tradicionalmente um espaço de trabalho e circulação para as lides cotidianas, se transforma no epicentro da festa, ressignificando sua função e tornando-se um ponto de encontro comunitário. Essa ressignificação não apenas interrompe as atividades laborais, mas também abole, ainda que temporariamente, as hierarquias sociais, conforme observado por Bakhtin. Como o autor destaca, ritos de caráter carnavalesco, como o Boi da Manta, configuram-se como o “triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 1977, p. 8).

Assim, o Boi da Manta não é apenas uma manifestação cultural, mas também um espaço de negociação simbólica, onde o trabalho e o lazer, a ordem e a subversão, encontram-se em constante diálogo. Ele ecoa os princípios destacados por Bakhtin e Thompson ao afirmar-se como um rito de resistência, em que a coletividade recria suas práticas culturais e desafia as imposições do trabalho e do capital, reafirmando sua identidade e preservando suas tradições em meio às transformações sociais.

A mesma reportagem ainda traz uma fotografia de dois foliões e ao lado o boi e seu condutor com a seguinte legenda: “pessoa de todos os níveis sociais participam ativamente do Boi da Manta em Pedro Leopoldo” (CARDOSO, 2001), reforçando a ideia da cidade, naquele momento, como palco pacífico entre os mais variados grupos. Entretanto, essas pessoas não são identificadas. Quem são os sujeitos utilizados como expressão desse ambiente pacífico? Quem é aquele que conduz o símbolo da festa durante todo o trajeto?

O símbolo principal da festa carrega consigo inúmeros significados, tanto do ponto de vista simbólico quanto do sociopolítico (GEERTZ, 2008). Isso é destacado por um dos entrevistados quando ele discorre sobre o simbolismo do boi da manta:

E3: O boi sempre esteve presente em todo o Brasil, e em Pedro Leopoldo não seria diferente. Pedro Leopoldo, por ser uma cidade interiorana, foi uma cidade de muitas fazendas, de muita pecuária, então, por isso, eu acredito que representa o boi. E a manta, representa a fábrica de tecidos, porque a manta é um tipo de tecido. Não foi

algo pensado, mas foi realmente as coisas que estavam em abundância na cidade, que se transformaram na festa.

Passos (2014), traz também uma análise dessa figura, buscando compreender o papel simbólico e os significados atribuídos a esse animal que aparece como figura central em diversas festas populares pelo país. Mobilizando alguns estudos sobre o folclore brasileiro, a autora propõe que esse aspecto da figura do boi está intimamente relacionado ao ambiente rural e a pecuária, que se configura ainda hoje como uma das principais atividades econômicas do país (PASSOS, 2014).

Nesta linha, o Dicionário do Folclore Brasileiro logo de início do verbete “boi” explicita que “pelas regiões da pecuária vive uma literatura oral louvando o boi, suas façanhas, agilidade, força e decisão.” (CASCUDO, 2005, p. 166), e aborda também suas variações no folclore nacional, como o Boi-Bumbá, o Boi-de-Fita, Boi-Santo, entre outros, mas o Boi da Manta não figura no dicionário. Porém, fica evidente o quanto a figura do boi é utilizada em manifestações populares em todas as regiões do país. Essa exaltação do trabalho no campo por meio dessa figura símbolo de “adoração” ainda é bastante atual, basta vislumbrar a permanência da dependência econômica nacional da produção agrícola e pecuarista, principalmente por meio da propagação desse ideal moderno e emancipatório agregado ao chamado, e amplamente divulgado pela mídia nacional, “agronegócio”.

Os bois da festa em questão conduzem milhares de foliões pelos vários dias de cortejo pela cidade, mas cabe lembrar que essa figura que dá nome ao festejo também é conduzida. Como indicamos anteriormente, ao falar de trabalho, precisamos questionar aqueles que realizam essa tarefa ao longo do cortejo. Nos anos iniciais da festa, a condução era realizada pelos próprios fundadores do Boi da Manta; entretanto, após a ampliação da festa, outras pessoas passaram a exercer esse papel. Nas mais de 50 reportagens analisadas, nenhuma delas destaca o papel fundamental das pessoas responsáveis por conduzir pela rua Comendador o símbolo principal. Na maioria das matérias, os textos são acompanhados de fotografias que contém os bois e seu condutor dentro deles. As legendas, quando empregadas, pouco abordam sobre quem são aquelas pessoas, o porquê de estarem ali, qual a ligação e os sentimentos nutridos pela festa e o contexto em que as fotografias foram produzidas.

Questionado sobre essas pessoas, responsáveis por carregar a pesada estrutura de metal que dá forma ao boi da manta, um membro da organização confessa que

E2: eles [os condutores dos bois e dos bonecos] se sentem tão valorizados. Naquela hora eles tão fazendo parte, né, do acontecimento, da cidade, da sociedade mesmo e são pessoas geralmente relegadas, sabe? (um longo silêncio) Que são pessoas que bebem, ficam pra rua, então, nessa hora, a gente dá um certo respeito pra eles, e com a gente, eles não fazem nada de errado, entendeu? Então vale a pena dar essa oportunidade pra eles.

Com isso, visualizamos que, à margem da sociedade e à frente da maior celebração da cidade, estão pessoas que não sabemos quem são, pessoas que trabalham à sombra desse momento. Com esses indícios, é perceptível que a ideia da quebra de hierarquias e a homogeneidade social proporcionada pela festa não consegue ser suficientemente abrangente. A memória que se pretende construir acerca da festa e de seus foliões não é uma memória de todos os trabalhadores, de todos os cidadãos. Os marginalizados continuam no esquecimento, seja pelas teias da memória, seja pela narrativa jornalística. Portanto, lançar luz sobre esses sujeitos, tomá-los como foco, é uma rica possibilidade para pesquisas futuras.

O Boi da Manta como tradição familiar

Ao analisar como as breves matérias sobre o Boi da Manta são construídas, é possível identificar os grupos sociais que elas apresentam. Em diversas vezes, por várias edições de anos diferentes, foi possível notar que o jornal optou por enfatizar principalmente as figuras mais conhecidas da cidade, dentre elas as figuras do poder político e, em outros casos, ressalta principalmente famílias aos moldes tradicionais, numa tentativa de mostrar como o ambiente da festa é algo sadio e que não fere a moralidade, como muitas vezes, sobretudo na atualidade, vemos atribuído ao carnaval.

A edição de fevereiro de 2009 tem um pequeno texto descrevendo o último dia da festa, o “enterro” do Boi e uma página repleta de fotografias, em que se vê sobretudo figuras socialmente relevantes e grupos familiares; junto, há legendas como: “(...) famílias inteiras para a rua Comendador.”. O mesmo na edição de janeiro de 2005, em que o então prefeito, dr. Marcelo Gonçalves (Partido Democrático Trabalhista - PDT), é destaque da matéria sobre a festa. A fotografia do prefeito trajando um espartilho traz em sua legenda a enfatização da sua presença no festejo desde a infância, o que nos leva a compreender a proposta de mostrar tanto a figura pública quanto o festejo como algo que acompanha o crescimento e o desenvolvimento dos pedroleopoldenses. Há de se ressaltar, o caráter de certa forma cômico da cena, que traz a exposição de trajes luxuriosos utilizados como fantasia juntamente com essa narrativa que ressalta a tradicionalidade familiar.

Imagen 5 – Jornal Observador, de 2005, traz como destaque o prefeito da cidade de Pedro Leopoldo, Marcelo Gonçalves, frequentador do Boi desde a juventude.



Fonte: recorte do jornal Observador, presente no acervo da Associação Cultural do Boi da Manta de Pedro Leopoldo.

Imagen 6 - Prefeito Marcelo Gonçalves com sua tradicional fantasia no Boi da Manta de 2010, reportado pelo jornal belorizontino O Tempo.



The screenshot shows a news article from the O TEMPO Cidades section. The title is "Prefeito cai na folia de lingerie". The author is PEDRO LEOPOLDO, and the text is from Redação O Tempo. The publication date is 09 de fevereiro de 2010, at 20:05. Below the text is a photograph of four people, three women and one man, all dressed in lingerie, smiling for the camera. The man on the right has blonde hair and is wearing a blue tank top. The woman in the center is wearing a blue dress. The woman on the far left is wearing a black top and a black skirt. The woman on the far right is wearing a red and black patterned top. They are outdoors at night, with streetlights and buildings visible in the background.

Fonte: site jornal O Tempo, seção O Tempo Cidades, publicado em 09 de fevereiro de 2010. Disponível em: www.otempo.com.br/cidades/prefeito-cai-na-folia-de-lingerie-1.587863

No ano seguinte, o então prefeito foi novamente destaque de uma matéria, dessa vez do portal online do jornal O Tempo, de Belo Horizonte. Para além do destaque dado ao “prefeito que se veste de mulher no carnaval”, como traz o título da matéria do dia 9 de fevereiro de 2010, é possível observar como o editorial homogeneiza qualquer tipo de manifestação cultural que carrega características carnavalescas. Ficando isso ainda mais claro quando propõe que o “Boi da Manta, ao que seria a

“Banda Mole” para Belo Horizonte, na qual os homens saem às ruas vestidos de mulher.” (O Tempo, 2010).

A própria família festeira é um exemplo disso, afinal, é defendido, tanto pelo Entrevistado 2 quanto pelo Entrevistado 3, que o Boi da Manta é parte da vida dos moradores da cidade e integra a dinâmica cotidiana, indissociável das outras práticas culturais da região. Essa presença da festa na formação identitária local fica explícita na fala do Entrevistado 4, na qual ele relata:

E4: Comecei a ir nele [no Boi da Manta] bem pequeno [entre 7 e 8 anos de idade], que meus pais que levaram nele. Que tinha as tradições de ficar correndo na frente dos bois, as crianças, o boi correndo atrás delas. Eu conheci o Boi assim.

mais adiante, o entrevistado, relata que

E4: eles [os pais do entrevistado], antes mesmo deles terem a gente [o entrevistado e seu irmão], eles iam. Que eles levaram a gente justamente pra gente conhecer, pra gente ver como era o Boi da Manta. Só que, assim, com algumas modificações do que era no tempo deles. Igual, era mais tempo, não acabava tão cedo como acaba hoje, a movimentação na rua era maior também.

O entrevistado supracitado não é o único a explicitar a manutenção da tradição do Boi da Manta: de mães e pais, para seus filhos e filhas:

E3: Minha relação com o Boi da Manta se dá desde a infância. Desde o meu nascimento, na verdade. Por ser uma pessoa que faz parte da família de produção cultural do Boi da Manta e eu escutava histórias do meu pai, contando que desde pequeno, criança, já me levava nos braços pro casarão [ponto de concentração para a saída do cortejo] e quando a festa saía, eu ficava acompanhando ele. São lembranças minhas, de algumas fotos e recordações dele, que ele me passou.

A partir desses relatos e dos discursos presentes nos periódicos, a festa, não se configura apenas como mero divertimento, apesar de efervescência e a alegria que proporciona ocuparem maior destaque nas falas e nos textos. Ela integra toda uma dinâmica familiar, que age como fator formador de uma identidade intimamente ligada a essa celebração, com o rito e com a cidade. Sendo assim, é compreensível que o discurso jornalístico dê mais ênfase a esse aspecto familiar de uma festa passada de geração a geração, tendo em vista que isso torna a narrativa sobre a festa popular mais palatável para o público leitor, que não a vivência. Como diria um periódico, “O Boi da Manta é uma festa que as famílias saem às ruas”.

O Boi da Manta: entre a preservação da tradição e a busca por modernidade

As fontes orais possibilitam compreender as mudanças, no tempo e no espaço, pelas quais a festa passou ao longo de seus 100 anos, quer seja a alteração do seu símbolo-mor, por motivos ainda desconhecidos, que agrega um caráter mítico à origem da festa, quer seja mudanças que objetivavam explorar a festa como recurso gerador de lucro. É notório que mudanças fazem parte da permanência dessas manifestações culturais, que, com seu caráter popular, agregam e compartilham questões próprias do tempo em que se insere. Nesse sentido, cabe analisar também como as fontes documentais abordam essas mudanças.

No jornal Observador de fevereiro do ano de 2003, a matéria publicada na coluna Opinião, cujo título é “Clicando a Cidade - Boi da Manta”, traz uma fotografia que expressa iconograficamente o cortejo em sua forma tradicional, como se configurava tradicionalmente, ou seja, com três bois à frente, seguidos da faixa de agradecimento à prefeitura e, por fim, os demais elementos do cortejo. Tal fotografia vem juntamente com uma legenda, que diz: “Sem Trio Elétrico, o Boi da Manta voltou a ser o que era, ou seja, uma festa popular, alegre, descontraída e com a presença de famílias de novo na rua”. Compondo a pequena matéria juntamente a fotografia e sua legenda, nota-se a seguinte frase com autoria atribuída ao filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard: “A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para a frente”. Há aqui a exaltação de um futuro que se projeta tal qual, ou de certa forma parecido, com o passado que se quer lembrar. Passado esse de um Boi da Manta organizado por Calango, conduzido pela Banda do Boi, e que arrastava os foliões ao som das conhecidas marchinhas de carnaval.

Imagen 7 - Seção Clicando a Cidade do jornal Observador



Fonte: recorte do jornal Observador, ano XI, nº355, Pedro Leopoldo, 27 de fevereiro de 2003, presente no acervo da Associação Cultural do Boi da Manta de Pedro Leopoldo.

Em contrapartida, o passado recente é relegado ao esquecimento: o Boi da Manta “modernizado”, com “sonorização mecânica e Trio Elétrico”, como apontado no Observador do mesmo período do ano de 2002. Tais mudanças podem ser interpretadas como um reflexo da grande difusão do Carnaval de Salvador, juntamente do ritmo musical Axé Music entre as décadas de 1990 e 2000, mas também como uma tentativa da gestão governamental do período de atrair turistas para a cidade por meio da festa (ANTÔNIO, 2009).

Sobre essas mudanças, que muitas das vezes ocorrem por imposição da gestão pública, o Entrevistado 2 questiona: “Gente, inventar a roda pra quê, se ela já existe? Redescobrir a roda é bobagem, se ela já existe!”, num questionamento do porquê dessas interferências em uma festa que funciona há tanto tempo, pois “eles [políticos] tentam fazer muita mudança, depois vê que não é [viável], que o Boi tem a força dele. Não adianta.”. Logo em seguida, o entrevistado cita o jornal supracitado, mostrando inclusive que a intervenção mudou um dos principais símbolos, os bonecos gigantes, buscados em outra cidade, com figuras que a população não reconhecia.

Nesse sentido, identificamos que a festa se configura também como palco de disputas no campo da política, sofrendo interferências conforme o plano de ação para a pasta de cultura da cidade e estando sob influência de correntes ideológicas ou partidárias que valorizam, ou não, a manifestação da grande massa popular. Afinal, o espaço e “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver (...)” (LEFEBVRE, 2011, p. 22). A resistência, nesse ponto, não é pela relutância em mudar ou adaptar às condições novas que possam eventualmente surgir, mas no sentido de manter a festa como algo que pertence à população, e não a grupos políticos e interesses mercadológicos.

Considerações finais

Neste estudo, a festa popular do Boi da Manta, realizada em Pedro Leopoldo (MG), foi analisada como uma manifestação cultural centenária, profundamente enraizada na memória e na história local. Com características carnavalescas, a festa transforma o cotidiano da cidade durante seu período de realização, evidenciando dinâmicas que articulam trabalho, lazer e pertencimento. A partir da mobilização de relatos orais e fontes documentais, como jornais locais, foi possível compreender como a memória sobre o festejo é construída, preservada e ressignificada ao longo do tempo.

Os resultados preliminares indicaram que tanto as narrativas orais quanto os registros escritos são fontes complementares na construção da memória coletiva. Como argumentam Matos e Senna (2011), essas fontes não se excluem, mas dialogam entre si, oferecendo perspectivas distintas que enriquecem a análise histórica. No caso do Boi da Manta, as reminiscências da memória, muitas vezes sustentadas pelos textos jornalísticos, reforçam a interdependência entre registros físicos e relatos orais. Esse diálogo evidencia como os sujeitos elaboram suas vivências a partir do presente, utilizando tanto as experiências vividas quanto os documentos como suporte para a construção de suas narrativas (Pinsky, 2005; Nora, 1993).

A análise das fontes revelou três aspectos centrais da identidade pedroleopoldense vinculados à festa: o trabalho, a vida familiar e a transformação contínua do festejo. Em primeiro lugar, a relação entre o Boi da Manta e o mundo do trabalho é fundamental. Desde sua origem, a festa se apresenta como uma forma de resistência às condições laborais adversas, permitindo aos trabalhadores um momento de ruptura simbólica com a rotina e a disciplina impostas. Essa conexão se manifesta até hoje, como no rito do enterro do Boi, onde o luto pelo fim da festa simboliza o retorno à vida cotidiana, ao passo que renova a expectativa pelo próximo ano.

Em segundo lugar, a festa desempenha um papel central na vida familiar, reforçando laços geracionais e comunitários. As entrevistas revelaram que o contato inicial de muitos foliões com o Boi da Manta ocorre por meio de familiares e amigos que os introduzem à festa desde a infância, perpetuando a tradição e o sentimento de pertencimento. Embora Passos (2001) associe a permanência da festa ao papel da família fundadora, esta pesquisa ampliou essa compreensão ao demonstrar que a dinâmica de transmissão intergeracional abrange todos os foliões, reforçando o caráter inclusivo e comunitário do evento.

Por fim, as fontes evidenciaram a transformação da festa ao longo do tempo. Apesar das intervenções do poder público e de influências externas, a comunidade demonstrou sua capacidade de resistir e preservar os elementos essenciais do festejo. Essa resistência, por meio da manutenção de ritos e símbolos, reflete a importância da festa como espaço de carnavalização e quebra de hierarquias, reafirmando sua relevância para a identidade local (Bakhtin, 2008).

Portanto, o Boi da Manta constitui um dos elementos centrais da cultura pedroleopoldense, articulando memória, trabalho e lazer em um espetáculo que une tradição e resistência. A festa não é apenas um momento de celebração, mas também um espaço onde o povo se organiza para reafirmar seus valores, fortalecer suas conexões e resistir às imposições da rotina. Em sua essência, o Boi da Manta simboliza a força coletiva de seus foliões, que, ano após ano, transformam as ruas da cidade em um palco de celebração, união e identidade – sempre à espera do próximo cortejo.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. **Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da História.** X Encontro Estadual de História. 26 a 30 de julho de 2010. Santa Maria - RS. Disponível em: [http://www.ech2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs\[1\].pdf](http://www.ech2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs[1].pdf). Acesso em 22 dez. 2019.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202. 2005.

ANTONIO, Gabriela Mendes. **Relevância turística da festa do Boi-da-Manta em Pedro Leopoldo / MG.** 2009. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Turismo pelo Centro Universitário de Newton Paiva. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** Editora Cortez: São Paulo. p. 160-179. 2009.

Bloch, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 2ª edição. São Paulo: Editora UFMG, 2005.

CARDOSO, Maria. A. EPIF NIO, Vania. B. **O Boi da Manta de Pedro Leopoldo.** Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo (FPL), curso de Plenificação de História. 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 10ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 166.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína; (org). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Ed. Vértice. São Paulo: 1990.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-97. 2005

HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Coleção de monografias municipais: nova série — nº 170 — Pedro Leopoldo / Minas Gerais.** Rio de Janeiro: IBGE. 1985.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153. 2005.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** Historiae, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

PASSOS, Amélia Correa. **Visitando o Boi da Manta: Tempo e Festa em Pedro Leopoldo.** 2001. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

PEREIRA, Júnia Sales e ORIÁ, Ricardo. **Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio.** In: RESGATE - vol. XX, Nº 23 - jan./jun. 2012. P. 161-171. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p. 2005.

PRIORE, Mary del. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, Leandro Felix dos. **Turismo Cultural em Pedro Leopoldo-MG: o papel do boi da manta na história da cidade.** 2007. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Turismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. 2007.

THOMPSON, E.P. Introdução: Costume e Cultura. In: **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, A. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias.** Projeto História. São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11216/8224>>. Acesso em: 17 mai. 2019.